



## A AUSÊNCIA DA MULHER NA FILOSOFIA GREGA DO PERÍODO CLÁSSICO

CAMYLLE LAÍS<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como ponto chave o debate sobre a ausência da mulher grega na filosofia do período clássico. Com esse embasamento, foi escolhido algumas mul<sup>20</sup>heres que mostraram que mesmo silenciadas, é possível resistir e mostrar-nos a sua força, coragem e inteligência, para lutar contra a discriminação de gênero. Portanto, a primeira filósofa refere-se ao período clássico da antiguidade grega -Temistocleia de Delfos, entre outras mulheres que agregaram para história, como Safo de Lesbos, Hipátia, juntamente com o período contemporâneo, temos filósofa que contribuiu significativamente para a filosofia, como a Simone de Beauvoir. O método de pesquisa será análise, paralelamente, sobretudo bibliográfica. Assim sendo, entende-se o movimento das mulheres do ocidente na filosofia contribuiu para que as atuais possam ter mais espaço perante a sociedade.

**Palavras-chave:** Gênero. Patriarcado. Filosofia. Mulheres.

### Abstract

*This article has as its key point the debate about the absence of Greek women in the philosophy of the classical period. With this background, some women were chosen who knew that even if they were silenced, it is possible to resist and show us their strength, courage and intelligence, to fight against gender discrimination. Therefore, the first female philosopher refers to the classical period of Greek antiquity -Themistoclea of Delphi, among other women who added to history, such as Sappho of Lesbos, Hypatia, along with the contemporary period, we have a female philosopher who contributed significantly to philosophy, such as to Simone de Beauvoir. The research method will be analysis, in parallel, mainly bibliographical. Therefore, it is understood that the Western women's movement in philosophy has contributed so that current women can have more space in society.*

**Keywords:** Gender. Patriarchy. Philosophy. Women.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela UFRPE.



## INTRODUÇÃO

Ao longo da história do ocidente até os dias atuais, a mulher teve sua identidade tanto social quanto individual apagada, tal ato é fruto de uma sociedade patriarcal, que, ao longo dos séculos, foi fortificando suas raízes, para que pudesse perpetuar-se e disseminar a inferiorização da mulher. Sendo ela, enquanto o ser feminino, direcionada apenas para o âmbito de servidão aos homens, onde ela deve cuidar dos serviços domésticos, cuidar dos seus filhos, apoiar seu marido em tudo que ele disser ou fizer. Contudo, esse formato de relação social entre homem e mulher é fruto da cultura e da religião -certamente, não universal, mas é um fator que contribui para que as mulheres sejam relacionadas a submissão e a falta de raciocínio: inteligência.

Não obstante, tal problemática em questão dá-se ao um longo histórico de uma dificuldade da construção de identidade social, individual e da sua própria voz em si, consequência de uma sociedade patriarcal que, ao longo dos séculos, foi fortificando suas raízes e essa prática perpetua-se fortemente desde anterior à Grécia Antiga até o presente. Assim sendo, nota-se que em cada espaço social onde a mulher está inserida, ela é diminuída e menosprezada pelos homens: colocada em um local no qual não a pertence pelo simples fato dela ser quem ela é. Posterior a isso, essa atitude de exclusão feita pelo homem deixa de ser algo somente entre eles para ser de todo o coletivo, ou seja, uma prática machista é vista sendo feita entre as mulheres, como reflexo do que lhes fora ensinado. Pois, se há somente um lado da história, torna-se impossível conhecer a outra parte.

Desse modo, este artigo tem o intuito de exemplificar a origem da sociedade patriarcal, ainda no contexto do ocidente, e como essa forma de relação social afeta negativamente a mulher, principalmente no âmbito educacional da antiguidade em paralelo ao contemporâneo, ocasionando a ausência da mulher na filosofia. Assim, o problema presente no estudo está ligado à luta contra a discriminação de gênero e estereótipos impostos às mulheres: quais fatores contribuíram para que, ao longo dos séculos, a mulher tivesse seu lugar na filosofia grega do período clássico inexistente? O estudo, portanto, abordará mulheres que contribuíram para o acendimento do ser feminino, correlacionando com o pensamento negativo de alguns filósofos como Aristóteles, Platão, Immanuel Kant, visando a exaltação dessas mulheres como forma de mostrar que mesmo silenciadas, essas mulheres fizeram História e tornaram-se História.



## MULHERES e MITOS

Antes que a bíblia fosse escrita, a mitologia já fazia parte das sociedades da antiguidade. Contudo, a divergência entre a bíblia e os mitos, é que nas escrituras sagradas, tudo é belo, há esperança, já a mitologia, é algo mais sangrento, mais real a vida dos seres humanos daquele período, ou seja, os gregos. A priori, a mitologia foi escrita baseada pelos poetas gregos Homero e Hesíodo, por volta do século VIII a.C. Estes poetas relatam histórias fantásticas, a fim de entreter o leitor com seus inúmeros contos. Sendo assim, a mitologia grega, que surgiu por volta de 700 anos a.C, teve o intuito de explicar a origem de tudo, sanar as dúvidas que os perseguiram, assim como a bíblia posterior a eles fez.

Dessa forma, antes de mais nada, é fundamental contextualizar sucintamente qual é a origem do mundo através da mitologia, para, assim, depois entender como a mulher era vista na antiguidade pelos gregos. De acordo com as escrituras de Hesíodo, Caos ( em grego Χάος), sendo ele o primeiro deus, a origem de tudo, no qual através dele surgiu Érebo ( Ἔρεβος”), no refere-se a escuridão, trevas, e Nix , considerada a Noite da antiguidade grega. Do amor entre Érebo e Nix, nasceram Éter e Hemera. (ROBLES, Martha. 1966, p.33).

Desse modo, assim como todas escrituras, é preciso muito mais além do que somente um “personagem”, então, a mulher também teve seu espaço nos mitos, entretanto, é preciso analisar em qual conjuntura ela foi mencionada, pois, ao mencionarem, elas eram sexualizadas ou transformadas em vilãs. Assim sendo, no início de tudo, há Lilith (em hebraico לילית), cuja qual é a primeira esposa de Adão, segundo a mitologia Suméria. No qual, ela é um demônio da noite, símbolo de sedução e sexualização do seu corpo, e independente para qual lugar que ela for, ela causa dor e sofrimento, como a morte de recém-nascidos e tristeza para as mães e familiares dos bebês. (ROBLES, Martha. 1966, p.38). Além disso, Lilith era considerada [...] “uma sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens.” E tal ato negativo que lhe impuseram mostra-nos que a mulher não podia igualar-se aos homens, não podia enfrentá-los e mostrá-los que elas também possuem opiniões.

O que remete, também, a Pandora, que em grego significa “aquela que tem todos os dons”, recebeu seu dom voltado para o sofrimento, já que seu pai, Zeus, a criou com o intuito de castigar os homens. Sendo assim, elas sempre são colocadas como vilãs da histórias, seja na mitologia, com Pandora, ou no cristianismo, com Eva, elas são as que trazem dor e caos às pessoas. O que gera uma sociedade patriarcal com raízes difíceis de serem cortadas, pois ao mencionarem que a mulher é a culpada da dor, que ela é quem castiga-os, quem irá pensar o contrário, ainda mais de uma sociedade da antiguidade. (SCIELO: SILVA, Andréia; ANDRADE, Marta. 2009, p.2)



Já no período clássico, outra mulher que foi colocada como a vilã, foi Helena, conhecida por ser uma das filhas de Zeus, ela foi acusada de ser o motivo da guerra de Tróia, escrito nos poemas A Ilíada e a Odisséia. (Ilíada, III, vv. 156-157). Assim como Hécuba, que faz parte da mitologia grega, afirma que: “Foi com os seus belos olhos que ela trouxe a pior das ruínas à prosperidade de Tróia” (vv. 441-43). Desse modo, a mulher além de ser a raiz de todas as guerras tanto no contexto mitológico quanto religioso, ela é sexualizada a todo momento. Ao mencionarem Eva, Helena, Afrodite e muitas outras, elas são direcionadas ao quesito de beleza, sedução, encanto, como se a mulher resumisse apenas a isto.

Nota-se que as mulheres na mitologia ou são lembradas porque são filhas de algum grande deus, como Zeus, ou são lembradas por seus males. Elas são colocadas em lugar de coadjuvantes, pois, mesmo que seja uma deusa de renome, ela sempre carregará, primeiramente, o nome, o glamour e o poder do seu pai na sua história, já que a mulher era somente reconhecida como filha, irmã ou esposa de algum homem, no qual eram os seus “donos”. Tratando-as como uma mercadoria, como um objeto, que pode ser passado de mão em mão, de homem para homem, sem que elas pudessem explicar algum pensamento.

## **A MULHER NA ANTIGUIDADE OCIDENTAL ATRAVÉS DA BÍBLIA**

A mulher sempre fez parte da história, ela sempre esteve por perto em todos os movimentos históricos e contribuiu, de certa maneira, para todas as manifestações, mesmo que implicitamente. Contudo, ela nunca ganhou espaço nas grandes histórias passadas após uma grande batalha, por exemplo. Ela sempre foi colocada em um lugar de esquecimento da sua importância para com a sociedade. Entretanto, antes de falarmos sobre a ausência da mulher na filosofia grega do período clássico, é importante atentá-los como a mulher foi colocada nesta situação; como tudo começou.

Dessa forma, um livro que conta diversas histórias dos mais variados acontecimentos da antiguidade, um livro que tinha o intuito de oferecê-los alento em meio ao cansaço e aprovações, no qual a palavra de Deus é o remédio para todo sofrimento. Sim, estou falando da Bíblia Sagrada, a bíblia que, segundo seus discípulos, o salvará de todos os pecados, basta apenas arrepende-se. Sendo assim, a origem deste livro deu-se através do pentateuco ou a Torá judaica, que são os primeiros livros da bíblia, que foram escritos há cerca de 1 mil anos antes da Era Cristã. Nota-se, assim, que o início de uma sociedade patriarcal e conseqüentemente misógina e machista estaria por vir, por meio dessas escrituras. (LERNER, Gerda. 1986, p.262)



Antes de explicar qual a origem dessa sociedade, é válido salientar que o ser humano, como um ser pensante, possui a necessidade de suprir o vazio a todo instante, já que tal anseio é sempre constante; nunca cessa. Seja por meio da arte, da religião, do amor, da paixão, ou de coisas ilícitas, o anseio pela salvação em meio a perdição da própria mente, é o foco de todo ser humano, ou seja, a busca em algo que toque o coração, os pensamentos, a alma, para que a dor, a angústia que habita no peito, e a culpa sumam, para que a esperança de uma vida melhor possa surgir: uma vida sem sofrimento. Assim como o matemático, filósofo e escritor francês Blaise Pascal afirma que [...] é o ser humano: tão vazio que se preenche com qualquer coisa, por mais insignificante que seja.

Por esse motivo, a bíblia cristã, a religião em geral, foi criada, para que esse tormento pudesse ser acalmado em meio às palavras de consolo. Contudo, este ato gerou ainda mais sofrimento, agora, mais voltado somente para as mulheres. Então, é perceptível a propagação da imagem deturpada da mulher, na frase do filósofo e matemático grego, Pitágoras, quando ele diz: “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.” Logo, a mulher, por ser ela, já é vista por maus olhos, fruto do cristianismo.

Em Gênesis encontra-se uma metáfora que fortaleceu tal pensamento negativo sobre as mulheres. Neste capítulo, há diversos versículos no qual Deus direciona as alianças somente aos homens, são eles Abraão, Moisés, Davi, dentre outros, excluindo, assim, as mulheres. Como é o caso de Sara, esposa de Abraão, que foi mencionada na aliança somente como a portadora da “semente” de Abraão. Esta metáfora de “semente”, quando direcionada para mulher, fere-se a gerar o filho do homem, a ser quem coloca no mundo outro servo de Deus. Outro ponto interessante a ser analisado é o hábito de mencionar Isaac como apenas filho de Abraão como forma de reconhecer quem é ele, desprezando, desse modo, Sara. ((LERNER, Gerda. 1986, p. 263,266)

Seguindo essa linha de pensamento, é notável que quando Deus castigou Adão e Eva por terem desobedecido a ordem dele, é perceptível que o castigo foi desigual para os dois, pois para Eva, foi severo, enquanto para Adão, nenhum mal o atingiu. Eva carrega o nome de ter conduzido seu marido ao erro, ao pecado, sendo ela, a culpada de toda dor e sofrimento que os seres humanos passam, além disso, Eva carrega, também, a dor da menstruação, de gerar um filho e pari-lo, sendo assim, não apenas um castigo da dor, mas uma maldição de futuras gerações silenciadas, submissas e sofridas.

Válido mencionar, antes de mais nada, que o homem como este ser social que é forte, inteligente e viril, advém das premissas que a própria bíblia sagrada conceitua. Pois, ao voltarmos na metáfora “semente”, no qual Deus em uma conversa com Abrãao, diz: “Que sejam tantas quanto as suas sementes” (Gênesis 15:5). A “semente”, portanto, refere-se



a uma promessa divina de Deus para que Abrão possa ter a benção de gerar um filho em Sara. Assim sendo, esta metáfora fala do órgão genitor do homem, onde fortalece o início de uma sociedade patriarcal. (LERNER, Gerda. 1986, p. 265)

Com a bíblia escrita e os seus seguidores cada vez mais crescendo, foi preciso adaptar em outros idiomas, foi, assim, que a expansão de tal livro começou a tornar-se algo grande. Dessa forma, a bíblia na antiguidade foi, a princípio, escrita com os idiomas grego, hebraico e aramaico, onde o antigo testamento foi escrito em hebraico e aramaico enquanto o novo testamento foi escrito em grego, já que era a língua comercialmente utilizada. Sendo assim, voltando um pouco para o velho testamento, os povos da antiguidade, mais especificamente os egípcios e os judeus-no qual os judeus da palestina, foram prisioneiros do cativeiro da Babilônia, abandonando, assim, a língua hebraica, tinham dificuldades de entender em hebraico, ocasionando, desse modo, a primeira tradução da bíblia para o grego (200-300 a.C).

Este livroliterário que já era um objeto de leitura exclusivo, começou-se a expandir pelas navegações do mar mediterrâneo, contribuindo para que o alcance dessa obra pudesse chegar nos mais singulares povos, nas mais diversas culturas. Posterior a isso, novas traduções começaram a surgir, como em Israel (final do século I d.C), no Egito, em Copta, Étiopa, em Etíope, e em Latim, sendo ela, a língua mais falada e importante do Ocidente. Portanto, tão expansão da palavra de Deus através dos seus discípulos, ocasionou na disseminação da visão deturpada que os homens tinham perante as mulheres, pelo continente Oriental, Ocidental, Africano e Asiático.

Nascendo, portanto, uma sociedade cristã, que visava os valores cristãos da bíblia de acordo com o que Deus lhes ordenava para fazer, no qual o homem é o provedor da casa enquanto a mulher deve apoiá-lo e cuidar não somente dos seus filhos, mas da casa e dele. Onde o homem é quem possui voz dentro e fora da casa, que pode trabalhar e estudar dos mais vastos conteúdos, enquanto a mulher pode apenas aprender etiquetas, arte e a como cuidar deles. À vista disso, este nascimento do cristianismo contribuiu para que as mulheres, em específico do período clássico, ficassem ausentes da filosofia grega. (CANELLA, Aline. 2021, p.4)



## A AUSÊNCIA DA MULHER NA FILOSOFIA GREGA

Ao decorrer do texto, mostrei-lhes que tal pensamento ou forma de agir dos homens para com as mulheres na antiguidade era algo comum, isto fazia parte do dia a dia deles e não era aceitável questionar, pois esta era a moral positiva das sociedades do período clássico. Portanto, é preciso atentar o olhar, antes de mais nada, em alguns casos, ao anacronismo, já que a atual sociedade na qual o patriarcado e conseqüentemente o machismo vem sendo atacado, uma vez que essa forma de relação social deixou de ser cabível a ser intolerável, tanto para as mulheres quanto para todos. Sendo assim, a moral positiva do século VI e IV a.C não pode ser vista com as premissas da moral negativa do século XXI.

Dessa forma, analisando agora o contexto social, a mulher ficou excluída de diversas atividades sociais, como estudar conteúdos distintos e trabalhar. Reflexo disso é a ausência da mulher na filosofia, pois ela não tinha espaço para explicitar suas opiniões, conceitos, e teorias, como os grandes filósofos fizeram e ganharam o renome por este ato. A mulher não era considerada um ser pensante, já que para os homens, elas não tinham essa capacidade, esse intelecto de desenvolver um estudo aprofundado sobre os mais complexos temas. Nota-se isso quando os próprios filósofos, que tinham suas ideias amplas, as tratavam negativamente, reflexo de uma sociedade patriarcal enraizada nas pequenas atitudes, nos pequenos gestos e pensamentos. (SILVA, Juliana. 2009, p.8)

Assim, Platão, Aristóteles e Immanuel Kant permitiram-se levar pelos ideais das relações sociais nas quais eles viviam. Claro que não somente eles, mas Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Artur Schopenhauer Friedrich Nietzsche, Pierre-Joseph Proudhon, dentre muitos outros escritos, filosóficos, grandes pensadores, que contribuíram tanto para filosofia quanto para História, tiveram o impacto desta sociedade. É perceptível que tais autores, tanto da antiguidade até os contemporâneos, todos eles carregavam a mesma percepção: o pensamento de uma verdade absoluta. Ora, se tais filósofos indagavam sobre a vida, sobre a morte, sobre as relações sociais, no qual para eles não havia uma verdade concreta, então por que a visão deles, para com as mulheres, era absoluta?

Além do mais, ao analisar o quesito “bem e mal”, onde os filósofos e homens em geral, perpetuam com a discriminação de gênero, conecta-se com o que a escritora e filósofa Simone de Beauvoir explicita em seu livro, *O Segundo Sexo*, no qual ela diz que a mulher foi criada pelos deuses com o intuito trazer sofrimento para a humanidade, ou seja, ela é o próprio mal. (BEAUVOIR, Simone. 1949, p.100). E tal pensamento da autora condiz com a realidade feminina não somente da antiguidade, mas do contemporâneo, visto que as mulheres, tanto na mitologia quanto no cristianismo, estão sempre em um lugar de culpa e dor. Não somente, mas são direcionadas como propriedades, como se elas deixassem de ser um ser humano e passassem a ser uma carga, algo que por trás, haverá algo para



retirar.

Dito isso, Beauvoir explica a relação de domínio do homem para com a mulher ao dizer que [...]“Compreenderemos a importância fundamental dessa instituição se lembrarmos o fato de que o proprietário aliena sua existência na propriedade; a esta se apega mais do que à própria vida; ela ultrapassa os estreitos limites da vida temporal, subsiste além da destruição do corpo, encarnação terrestre e sensível da alma imortal.” (BEAUVOIR, Simone. 1949, p.101) Dessa forma, a mulher como uma “propriedade”, é mantida pelo seu “proprietário” através da alienação, ou seja, séculos de inferiorização faz com que este ato seja normalizado e romantizado, pois os “proprietários” utilizam também o amor e da sua força como uma forma de dominá-las.

Agora, utilizando a fala de alguns desses filósofos para entender como eles pensavam, é imprescindível analisar como a discriminação de gênero afetou a vida das mulheres. Previamente, é importante contextualizar que a sociedade a qual vivemos nos molda, o preconceito está enraizado nos mais obscuros pensamentos, contudo, questionar-se é e deve sempre ser a saída para desconstruir estes pensamentos. O intuito deste artigo não é criticar estes filósofos, mas mostrar, através deles, como a moral de uma determinada civilização pode interferir no ser humano.

A mulher, portanto, para Aristóteles e Platão, estava relacionada à natureza, no qual explicitam que “um fato da natureza que deveria obedecer a um fim qualquer”, e relacionam a inferiorização da mulher com o escravo. Ambos não hesitavam em demonstrar a desigualdade para com a mulher em seus escritos e em suas falas nas Ágoras -contribuindo para que haja a desigualdade não apenas nas relações sociais, mas jurídicas, já que os homens reuniam-se nas Ágoras para discutirem sobre política, leis, decisões que impactam a vida de todo um conjunto, pois assim como muitas outras pessoas, eles não consideravam as mulheres como uma pessoa, apenas como um objeto, de certa forma, para satisfazê-los quando apropriado. (ARISTÓTELES, Política, III, 1275b 18-19)

Os filósofos utilizavam da natureza, para compará-las a algo frágil, incapaz de defender-se, ou seja, de natureza inferior à eles. Foi, a partir deste pensamento, que o argumento biológico de inferiorização da mulher começou a crescer. No ocidente, mais específico, na Grécia Antiga, Platão refletia as diferenças do homem e da mulher pelo fato dela conceder a luz, em A República:

*- Portanto - prossegui eu - se se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou o feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se deverá confiar essa função a um deles. Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no facto de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem*



*em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções (A República (R), V. 454d-e).*

Observa-se que a mulher da antiguidade era vista apenas com o intuito de procriar, dar a luz a grandes reis, soldados, filósofos, cidadãos em geral e satisfazer o desejo do homem, como foi mencionado acima. Exemplo vivo disso nota-se em Esparta, no qual as mulheres possuíam uma certa admiração, pois davam a luz aos futuros donos dos reinados. Desse modo, a bíblia, que menciona a mulher desta maneira, foi a maior causadora da inferiorização do ser feminino, pois através dos escritos da bíblia, mulheres foram silenciadas e rebaixadas por homens que tentavam controlá-las.

Immanuel Kant também contribuiu nas falácias sobre as mulheres. Para ele, a mulher era interligada ao “sexo belo”, enquanto para o homem, nobre e grandioso, o que remete aos homens gregos o qual viviam no apice dos poemas de Homero, A Ilíada e Odisseia, onde os homens eram considerados fortes e corajosos. Claro que estes homens eram os guerreiros, os nobres que dispunham-se em defender a cidade e lutar contra seus inimigos, que não visavam somente a defesa do seu território, mas a beleza que a vida de guerreiro era vista pelos outros. A honra e a virtude (a areté), eram fatores que influenciavam jovens a dedicarem-se às guerras, os tornando um dos símbolos de bravura e heroísmo. As guerras na Antiguidade tinham um grande valor para os guerreiros, para os nobres e camponeses, no qual uma bela luta que trouxesse vitória para o seu povo, seria vista como um esforço do soldado virtuoso e ele ficaria marcado na história pela eternidade (a Oion).

Portanto, o homem passou a ser visto como sinônimo de força, inteligência, astúcia e coragem. Retomando a Kant, ao mencionar as mulheres, ele diz que a mulher faz aquilo apenas o que convém, correlacionando que elas não possuem princípios: “parece difícil acreditar que o belo sexo seja capaz de princípios, e, com isso, espero não ofendê-lo, pois também são muito raros no sexo masculino” (Kant,1993:52). Contudo, mesmo com as falas de Immanuel Kant não serem agressivas comparadas aos outros filósofos, ele as impediu de mostrar sua voz.

Em suma, é notório que a moral de cada período das sociedades varia e assim, junto a ela, o pensamento das pessoas também mudam. Desse modo, em divergência com o que os filósofos acima afirmavam, a mulher é possuidora de talentos tão dignos de reconhecimentos quanto eles. Caso contrário, Temistocleia, de Delfos, no qual foi uma sacerdotisa do templo de Apolo (século IV a.C), filósofa e matemática não seria reconhecida por todos, inclusive por Pitágoras, o qual houve uma troca mútua dos seus conhecimentos sobre filosofia e matemática. No livro de Diógenes Laércio, Vida dos Grandes Filósofos, escrito no século III d.C, mostrando a relação entre Pitágoras e Temistocleia, onde ele diz:



“ Pitágoras derivou a maior parte de suas doutrinas éticas a partir dos ensinamentos de Temistocleia.”

Além disso, não somente Temistocleia de Delfos, mas Hipátia também representou majestosamente as mulheres tanto na filosofia e na literatura, quanto na ciência. Hipátia, cidadã de Alexandria, ganhou o renome de ser uma das maiores mulheres na literatura e filosofia, no qual muitos vinham de muito longe, como o Egito, Constantinopla, Síria e Cirene, para ouvi-la e serem ensinados por ela, já que ela lecionava filosofia e astronomia, além de ser a chefe da escola platônica. Uma questão interessante a ser analisada é que Hipátia compartilhava seus conhecimentos em espaços públicos, ao lado de homens nas assembleias, o que por si só já mostra-nos o tamanho da sua coragem, determinação, grandeza e acima de tudo, do seu intelecto. (SANTOS, Dominique; WACKERHAGE, Camila. 2017, p. 3,)

Por fim, Safo, uma poetisa da Ilha grega de Lesbos (século IV a.C). Uma poetisa cuja qual foi uma das poucas em terem suas obras da antiguidade tão bem conservadas até os dias atuais, e isto só foi possível pois ela foi uma grande poetisa de sua época, no qual ganhou sua face em uma cerâmica e teve seus poemas nos papiros salvos. Conhecida pelos seus poemas de desejo e amor direcionado para outras mulheres, como Afrodite, Safo também escreve para homens. Na Grécia Antiga, este assunto era tratado com tranquilidade, mesmo ainda que elas fossem obrigadas a casarem-se com homens, por isso, seus poemas não foram tratados como algo não natural ou aberração. Entretanto, é importante mencionar que a mulher, em conceitos contemporâneos, lésbica ou bissexual neste período era vista, de certo modo, como algo negativo comparado aos homens homossexuais e bissexuais. Porém, isso não a parou.

Ademais, percebe-se que ao contrário do que muitos homens pensavam, a mulher não carrega dor, culpa e o pecado, mas sim talento, esperteza, astúcia e inteligência. São capazes de serem grandes filósofas, matemáticas, cientistas, ou qualquer outro cargo presente nas relações sociais, pois um pensamento formado em achismos não podem definir um ser pensante. As mulheres são muito mais do que uma simples serva do lar e “propriedade” do homem, elas possuem força, ambição, raiva e capacidade. Colocá-las em lugares assim apenas perpetua uma verdade que não é absoluta.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o questionamento sobre a ausência da mulher na filosofia grega é explicada em um tópico: a mulher não tinha a liberdade sob seu próprio corpo, devido a sociedade patriarcal, surgida com a mitologia e teve sua concretização nas estruturas sociais com a Bíblia Sagrada, então, suas ideias e opiniões eram resguardadas somente à elas. Por isso, na antiguidade ocidental a submissão feminina, tanto no âmbito doméstico como no geral, era um fator na qual tornava quase impossível a presença delas na filosofia. Não obstante, Hipátia de Alexandria tornou-se uma grande filósofa, pois teve um fator que a ajudou: não era casada. Então, esse fator possibilitou que ela pudesse deixar seu nome na história da filosofia, uma vez que estava livre, de certo modo, das amarras sociais.

Desse modo, é perceptível que essa submissão feminina contribuiu para que as mulheres ficassem de fora da filosofia. O âmbito doméstico e a gravidez era algo que as prendia, elas tinham responsabilidades para com seus maridos, tinham que cuidar deles e de seus futuros filhos, fora a casa para ser zelada. Logo, elas estavam presas nessa rotina de mãe zelosa, mulher atenciosa e silenciada, para ir atrás de seus sonhos e reunir forças para mostrar sua capacidade, uma vez que ser mulher na antiguidade era sinônimo de fraqueza, incapacidade e só serviam para duas coisas: fornecer prazer e gerar filhos. Assim sendo, elas tiveram seus nomes apagados e suas histórias excluídas dos livros de filosofia e história, pois eram consideradas apenas coadjuvantes.

Em virtude disso, essas filósofas e muitas outras que não tiveram a chance de escrever grandes livros, explicitam que a filosofia não é um local somente para homens, elas reforçam o pensamento de que as mulheres também são seres pensantes e inteligentes. Infere-se, portanto, que não somente a filosofia, mas a ciência, a matemática, a História, são conteúdos que abrangem espaço para seja qual for o gênero e que isto não pode ser o fator decisivo do limite para o ser humano. Em suma, é indubitável que o estudo da História fez e faz com que essas mulheres e muitas outras possam ganhar voz e o renome que são dignas, então, por este motivo, este artigo foi escrito: para que elas possam mostrar-nos que fizeram História e são muito mais além do que coadjuvantes, mas sim, protagonistas.



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd. Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova. Cultural, 1973, v.4.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Millet. 2.ed. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009.
- BERQUÓ, Thirzá A. Aspásia de Mileto: **Mulher e Filosofia na Atenas Clássica I**. In: PACHECO, Juliana. **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. Editora Fi, 2016.
- PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, 9.<sup>a</sup>
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo: Editora: Cultrix. 2019.
- HÉLADE: Dossiê. **Gênero no Mundo Antigo: Contribuições para um Debate**. Rio de Janeiro: Revista Hélade, 2018.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SUGAMOSTO, Victor. **As Raízes do Patriarcado: contribuições teóricas sobre a violência contra as mulheres no Brasil**. Florianópolis: Captura Críptica: direito, política, atualidade, 2015.
- GONÇALVES, Ismael. **Bem Aventurada é a Serva do Senhor: a construção da feminilidade das mulheres através do discurso Mariano**. Uruguai: Estudos Históricos, 2016.
- WOOD, Ellen Meiksins. **O trabalho e a democracia antiga e Moderna**. In Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003.
- HALL, J. M. **Quem eram os gregos**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, no. 11, 2001.
- PINSKY, Jaime. 100 Textos da História Antiga. In: Documento **A Educação, a Família, a Mulher: O Divórcio no Código de Hamurábi; O Adultério no Código de Hamurábi; O Adultério entre os Hebreus**. São Paulo: Editora Contexto, 1988.
- FERREIRA, Maria; AMARAL Margarida: **As Mulheres e a Filosofia**. In Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, Lisboa, húmus, 2016, nº 36, pp. 123-134.
- GASPAR, Adília Maia. **A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet**. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009.